

AS DIFICULDADES NO PROCESSO ENSINO - APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS

Rafaela Reis Pereira Jael¹, Renata Aparecida Pereira Teodoro², Lidiane Hott de Fúcio Borges³, Maria Patrícia Figueirêdo de Almeida Sabadini⁴.

¹ Especializando em Alfabetização pela Faculdade Ateneu, rafareis18@hotmail.com

² Especialista em Matemática Financeira e Estatística, renatinhapereira18@hotmail.com

³ Mestre em Engenharia e Ciência dos Materiais, Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu, lidiane.hott@yahoo.com.br

⁴ Mestre em Ciências da Educação, Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha/ES, patricia.fas@gmail.com

Resumo- A educação é um direito de todos estabelecido por lei, ainda assim existem muitos jovens e adultos que não sabem ler, nem escrever, em virtude de diversas situações que nem sempre estão ao alcance do docente ou da escola. Diante dessa realidade, nas últimas décadas, órgãos públicos vêm desenvolvendo medidas para mudar ou amenizar essa situação, entre estas a Educação de Jovens e Adultos - EJA. A EJA é uma modalidade de ensino que vem crescendo a cada vez mais e, diante desse crescimento, alguns problemas e dificuldades vem sendo discutidos e enfrentados neste cenário educacional. Entre as diversas problemáticas, busca-se com este estudo investigar as dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem da EJA. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo, através da análise de questionários aplicados a alunos e a professora responsável pela turma.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Alfabetização; Aprendizagem.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

1 INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem está presente no cotidiano das pessoas desde a infância, quando se é estimulado por pais e/ou familiares às primeiras palavras, a partir destas se inicia um processo de alfabetização, pois a fala e a escrita são indissociáveis para a efetivação deste.

A alfabetização é essencial na vida de todos, pois é um mecanismo de comunicação e interação na sociedade que vivemos pelo qual todos nós devemos participar. Dessa forma, cabe a escola junto com pais, famílias, governos e municípios a alfabetização de todos os indivíduos.

A educação é um direito de todos e este é garantido por lei. A Lei de diretrizes e Bases (Lei n. 9.394/96) estabelece a educação como direitos de todos e dever do estado.

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996,online).

Por diversas razões, muitos não conseguem concluir o ensino regular, conforme o tempo previsto na lei. Percebe-se ainda um grande número de jovens e adultos com baixo índice de escolarização. Com o propósito de aumentar o grau de conhecimento dessas pessoas, surgiu a Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Essa modalidade de ensino contribui muito para educação dessas pessoas; entretanto, observa-se que muitos desses alunos não conseguem finalizar seus estudos. A fim de compreender as dificuldades encontradas por jovens e adultos e os motivos que os levam a desistência da continuidade aos estudos, às vezes, no meio do caminho durante a alfabetização; este trabalho busca analisar os processos de ensino e aprendizagem de jovens e adultos, com a finalidade de

mostrar a realidade existente na alfabetização da EJA na Escola Municipal Guilherme Santos, em Vila Velha.

Trata-se de um estudo de caso qualitativo, de suma importância, que pretende identificar os principais problemas enfrentados por alunos e também professores e escola, para que se possa desenvolver e melhorar as práticas pedagógicas, buscar qualificação dos profissionais que atuam com esse público, a fim de superar estas dificuldades colaborando com uma aprendizagem verdadeiramente significativa dos alunos, fazendo com que eles possam de fato reconhecer seus direitos e deveres na sociedade, e se tornarem cidadãos mais atuantes e participativos dela.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Alfabetização na EJA

"A modalidade de ensino conhecida como EJA (Educação de Jovens e Adultos) foi inicialmente planejada para as pessoas que não conseguiram, em idade regular, frequentar a escola e concluir seus estudos" (GOMES e GARCIA, 2014, p. 475).

Até algum tempo atrás, as turmas da EJA eram caracterizadas por alunos com idade bem avançada. Entretanto, percebe-se atualmente, uma tendência a diminuição de alunos com idade mais avançada. Surge-se, assim, uma nova configuração do perfil do aluno da EJA.

E este formato requer pensar práticas pedagógicas adequadas, que atendam a todos de forma igualitária, com a finalidade de uma aprendizagem significativa. Diante disso, é necessário pensar o currículo e as questões metodológicas da EJA. Alerta-se que a diversidade de características, de interesses e motivação para estarem ali são alguns dos desafios do professor.

Gomes e Garcia (2014) ressaltam que conhecer a realidade dos alunos da EJA e traçar alternativas para facilitar a aprendizagem mais significativa deve ser o foco de todas as instituições, principalmente a rede pública de ensino, pois "a compreensão da realidade é a primeira de inúmeras ações que podemos realizar antes de sugerir mudanças" (GOMES e GARCIA, 2014, p. 477); é através de metodologias adequadas a essa realidade que serão possíveis as efetivas e urgentes mudanças nessa modalidade de ensino.

Para Vargas e Cardoso (2013), a educação deve ter suas bases fixadas na relação com os outros, por meio do diálogo, fazendo com que os sujeitos envolvidos no processo tenham autonomia para construir e refletir sobre suas vivências construindo seu conhecimento. Aduz os autores que a capacidade de ensinar e aprender são uma competência própria do ser humano e fundamental para nós.

Dessa forma, a educação é capaz de desenvolver as potencialidades do sujeito, estabelecer relações históricas e desenvolver a cultura humana. Assim, o sujeito deve estar sempre disposto a aprender, a buscar estratégias para resolução de seus problemas, aceitando as mudanças e as estagnações que ocorrem em todo processo, fazendo-nos compreender que "desenvolver é ter a capacidade de aprender com o real e vivenciar o novo" (Bins, 2007, p.17).

Assim, o ato de educar é um processo que depende de todos os envolvidos nele, em que não se estabelece grau de importância sobre os envolvidos, pois a relação é recíproca, como afirma Freire (2013):

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência.(...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2013, p.25).

Vargas e Cardoso (2013) corroboram com esse pensamento ao apontarem que o processo de ensino-aprendizagem deve ser em uma perspectiva dialógica e horizontal em que se pode estabelecer relações interpessoais que tem por objetivo buscar soluções de problemáticas e desenvolver as potencialidades do sujeito diante da mediação do professor-aluno e aluno-professor desenvolvendo um novo conhecimento.

Dessa maneira, Bins (2007) afirma que, para que ocorra aprendizagem, é necessário ter o desejo/vontade de aprender, buscando ações educativas que provoquem mudanças e proporcionem a reflexão crítica da realidade.

A aprendizagem não é estática, parada, ela sofre constantes mudanças e varia de sujeito para sujeito, de contexto para contexto. O processo de aprendizagem é individual e pessoal, assim cada um o constrói de acordo com o seu desejo. Entretanto, é importante ressaltar que, mesmo a aprendizagem sendo um processo de construção individual, cabe ao educador ter a sensibilidade de provocar a curiosidade do educando para que ele de fato aprenda e, como nos afirma Freire (2013,

p.31), “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. Assim, para que o aprendizado seja significativo, é necessário fazer relação com as vivências do aluno e do meio social do qual fazem parte, respeitando seus limites.

Indo ao encontro de Freire, Bins (2007) fala que a aprendizagem é determinada por um conjunto de funções mentais e sociais e esses dois processos não podem ser explicados isoladamente. O ato de aprender é nato do ser humano, mas existem fatores que podem inibir ou facilitar a aprendizagem, tais como, fatores físicos, psicológicos, ambientais e sociais, e Freire (2013) complementa o pensamento de Bins quando ressalta em sua fala:

Gosto de gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento da nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam (FREIRE, 2013, p. 53).

A conversa entre os autores mostra que a aprendizagem sofre interferência de diversos fatores, mas deixa claro que, mesmo com tantas dificuldades, todas são superadas porque nenhuma barreira é intransponível e porque nós seres humanos somos capazes de nos reinventar e superar todos os obstáculos.

Nota-se que cada um aprende de uma forma e a aprendizagem pode ser influenciada por diversos fatores. O educador deve olhar de forma diferenciada para cada educando a fim de enxergar diversas potencialidades, reforçá-las e, diante das dificuldades dos alunos, buscar soluções.

Nesse sentido, Freire nos previne: “é por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhá-lo que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador (FREIRE, 2013, p. 34)”.

Para Bins (2007), o desenvolvimento do adulto está relacionado com a compreensão e o confronto com a realidade que o sujeito adquire no seu aprendizado no meio social ao qual está inserido, pois o meio social afeta o nosso interior e nosso pensamento, assim nos permite desenvolver.

O desenvolvimento adulto é um processo complexo que envolve diferentes relações de aprendizagem e trocas de experiências, que provocam as transformações, favorecendo a autonomia do espírito. Nesse sentido, Freire traz as seguintes indagações:

Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles tem como indivíduos? (FREIRE, 2013, p.32)

Freire (2013) e Bins (2007) mostram a importância de se estimular o aprendizado dos educandos através da realidade da qual fazem parte. No entanto, muitos educadores ainda não trabalham com essa perspectiva por terem uma visão equivocada da própria função e abrangência da escola.

De acordo com Vargas e Cardoso (2013), os jovens e adultos pouco ou não escolarizados, sem conhecimento da cultura escolar, terão que se inserir e interagir no espaço escolar, respeitando as regras da instituição. Porém, o aprendizado dessas pessoas começa muito antes de frequentarem uma escola, já que eles aprendem a lidar com diversas situações no seu dia a dia, de acordo com as suas necessidades.

Dessa forma, a escola deve ser um espaço de mediação cultural, em que o trabalho docente deve proporcionar aos alunos meios de adquirir conceitos científicos e desenvolvimento das competências e habilidades cognitivas.

Tais autores buscam suas afirmações sobre o processo de alfabetização na perspectiva de aprendizagem construtivista, tendo como a sua principal referência, Piaget. De acordo com Leal e Fonseca (2015), na perspectiva Cognitivista/Piagetiana, o sujeito é ativo no processo de ensino e possui potencialidades que precisam ser desenvolvidas. O educando é visto como construtor do seu conhecimento e este é produzido a todo o momento. O professor tem o papel de mediador do conhecimento e, para que o aprendizado aconteça nesta perspectiva, o professor deve estar atento a propor sempre situações desafiadoras para seus educandos.

Segundo Machado (2008), quando a escola atende os jovens e adultos e consegue reconhecê-los como sujeitos de direitos à educação, ela passa a reconhecer que seus conhecimentos prévios e sua experiência de vida como forma de contribuição com os conteúdos construídos pela

ciência, os que são desenvolvidos em sala de aula, percebendo que os conhecimentos sistematizados contribuem para a formação de novos.

Jovens e adultos quando começam a estudar, já tiveram experiências com medidas, cálculos matemáticos, língua materna falada, ferramentas de trabalho equipamentos elétricos e eletrônicos. Assim, ao entrarem na escola, esses sujeitos já têm um aprendizado informal e passaram a ter um aprendizado escolar que se constitui pelos conhecimentos científicos sistematizados desenvolvidos pela humanidade (VARGAS e CARDOSO, 2013).

Salienta-se a importância do professor saber reconhecer esses sujeitos como pessoas dotadas de capacidade de aprender, valorizar e reconhecer suas vivências como forma de estimular ainda mais a busca pelo conhecimento. Para que isso aconteça, é essencial que o professor tenha formação, para que de fato consiga enxergar essas potencialidades e possa usá-las a seu favor, como docente.

De acordo com Machado (2008), observa-se a necessidade de uma formação específica para a EJA, a fim de que se tenha uma adequação ao público atendido. Trata-se de uma formação pedagógica voltada para o trabalho com sujeitos que em sua grande maioria são trabalhadores, com várias experiências de vida que não podem ser ignoradas. Assim, essa adequação tem como finalidade o acesso e a permanência destes alunos na escola, trabalhando com conteúdos, métodos e tempo diferenciados para atender o perfil do estudante.

As práticas didáticas e os conteúdos devem estar ligados pela interdisciplinaridade, buscando sempre fazer a ligação com todas as disciplinas, tirar a fragmentação composta no currículo e fazer um trabalho em conjunto. Freire (2013) faz referência à formação do educador quando afirma que "educar é substantivamente formar" (Freire, 2013, p. 35), e que pensar certo, demanda profundidade e não superficialidade.

Isso mostra que para se pensar certo é necessário corporificar pelo exemplo. O educador não pode simplesmente passar conteúdos, os conhecimentos para os alunos e não dar exemplo da sua prática, senão como Freire mesmo fala, cai-se na antiga fórmula farisaica "faça o que mando e não o que faço" (FREIRE, 2013, p.35).

Freire (2013) afirma que é necessária para a formação de professores uma formação crítica, em que o professor possa desenvolver em seu aluno essa mesma criticidade ensinada em sua formação, pois uma prática pedagógica sem rigorosidade não auxilia em nada na construção do conhecimento do educando, assim ele ressalta:

(...) A prática docente crítica implica o pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, "desarmada", indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade (...) (FREIRE, 2013 p.39).

O autor se refere à capacidade crítica como essencial para formação permanente dos professores. Segundo ele, é preciso ser crítico para refletir as práticas pedagógicas de ensino e buscar novas formas de ensinar, a fim de alcançar resultados positivos em termos de aprendizagem significativa do aluno. Freire destaca que "é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática" (FREIRE, 2013, p.40).

Logo, percebe-se que as práticas pedagógicas de ensino devem ser adaptadas e analisadas em relação ao perfil do estudante. Hoje, com a tecnologia, é possível inovar nas formas de ensinar, levar conhecimento, informação e precisão de forma dinâmica e interativa com softwares educativos. Nessa concepção, o aluno é agente central do processo educativo, entretanto, os métodos tradicionais de ensino, como quadro, giz e o livro, ainda são essenciais na formação do aluno.

Nota-se que, durante muito tempo, a escola teve sua concepção de educação voltada para a objetividade; dessa forma tivemos a chamada pedagogia tradicional, que ainda nos dias de hoje é possível encontrar nas escolas. Nessa proposta de ensino tradicional/empirista, a escola é colocada como única detentora em potencial dos conhecimentos, objetivando a preparação intelectual e moral dos alunos, para que os alunos possam cumprir seu papel na sociedade.

Com efeito, faz-se necessária uma prática de ensino que ensine o aluno a questionar e argumentar, e não apenas memorizar conteúdos.

Portanto, Freire deixa claro que, para que a prática educativa seja verdadeiramente significativa para o educando, é essencial que se faça referência a suas vivências e que o educador tenha a capacidade de desenvolver sua consciência crítica. Para que isso aconteça, é necessário que se tenha respeito pelos saberes do educando e pela sua autonomia para a construção de seu conhecimento.

Sob o ponto de vista de Bins (2007), é fundamental no processo de alfabetização a compreensão dos códigos com a representação da língua através da fala e não com a representação

gráfica através da escrita, pois a escrita não significa o que dizemos, e sim o que entendemos e representamos com o sistema alfabetico. Na visão do autor, a alfabetização não deve proporcionar ao indivíduo a decodificação pura e simples das palavras ou cópias de um modelo, ela deve possibilitar recriação, compreensão crítica da sociedade, a fim de que possam tornar sujeitos ativos e participativos do meio ao qual estão inseridos.

A aprendizagem da escrita é um processo de construção, que deve estabelecer interação do sujeito com a escrita e com os conhecimentos socialmente construídos pela humanidade. Feitosa destaca que “Paulo Freire dizia que não basta saber ler “Eva viu a uva”, é necessário compreender qual a posição de Eva no seu contexto social, quem produz a uva e quem lucra com esse trabalho” (FEITOSA, 2008, p.50).

Alfabetizada é a pessoa que ao se apropriar dos mecanismos da leitura e da escrita, pode não só utilizá-los para simples verificação da realidade, mas para questionar, recriar, reinventar esta realidade, agora com sua própria leitura, e não com a interpretação do outro (FEITOSA, 2008, p. 49).

Deve-se reconhecer que o ato de alfabetizar é algo que exige muito esforço dos envolvidos no processo, mostra-nos ainda que devemos respeitar os saberes que os educandos trazem de suas vivências, fazendo com que isso contribua para um aprendizado verdadeiramente significativo. Segundo Freire (2008, p. 68), "aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e a aventura do espírito".

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com os discentes da Escola Municipal Guilherme Santos de Vila Velha/ES, situada no bairro Santa Inês, com uma turma unificada do 1º ao 5º ano da EJA.

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo com o intuito de investigar as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem na alfabetização de Jovens e Adultos.

Para obtenção dos resultados, inicialmente foram observadas as aulas na EJA durante 30 dias. Após a observação, foi aplicado um questionário para traçar o perfil e analisar os métodos de ensino aprendizagem dos alunos da EJA. Os questionários foram aplicados aos 15 alunos da turma e a professora regente da turma.

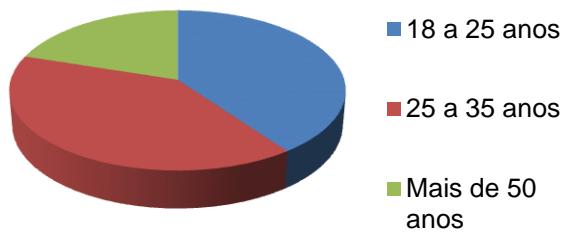
4. RESULTADOS

A Educação de Jovens e Adultos, a EJA, é uma modalidade de ensino destinada a todos as pessoas que por algum motivo não tenham conseguido terminar o ensino regular até os 18 anos, e almejam terminar o Ensino Médio. Em épocas passadas, a EJA era sinônima de alunos com idade avançada; entretanto, Gomes e Garcia (2014) destacam que, atualmente, há uma tendência a diminuição de alunos com idades mais avançadas nesta modalidade de ensino, e a grande maioria dos estudantes nas classes da EJA está na faixa etária entre 18 a 25 anos e quase não se vê alunos com idade acima de 60 anos Sendo assim, essa pesquisa busca analisar o perfil de alunos da EJA da Escola Municipal Guilherme Santos de Vila Velha/ES, e as dificuldades enfrentadas por professores e alunos no processo de alfabetização.

Dante disso, percebeu-se que do total de alunos, gráfico 1, a maior parte dos estudantes tem entre 18 e 35 anos, sendo 40% de 18 a 25 anos e 40% destes 25 a 35 anos e apenas 20% tem mais de 50 anos.

Gráfico 1 - Idade dos Alunos.

Idade dos Alunos



Fonte: Adaptado de Jael, R.R.P., et al., 2017

Constou-se que 60% destes alunos voltaram a estudar, pois querem recuperar o tempo perdido e 40% querem adquirir um certificado de conclusão para ter melhores oportunidades no mercado de trabalho.

A família é muito importante nas nossas vidas, e é fundamental para nosso desenvolvimento. Entretanto, percebeu-se que 20% dos estudantes da EJA não recebem o apoio da família para retornar a escola e terminar seus estudos, ela acredita que é perca de tempo.

Embora alguns alunos da EJA não recebam o incentivo familiar para estudar, 40% dos alunos recebem o apoio e o incentivo para continuar os estudos e 40% não olham a opinião da família, disseram que fazem o que acreditam ser melhor para eles.

Percebe-se que na EJA, antes associada a pessoas mais velhas, hoje uma tendência a juvenização, em que além de adquirir o certificado para conclusão do ensino médio, esses estudantes têm a consciência da importância de estudar para adquirir conhecimento.

Para atender essa demanda de alunos, é necessário que o material didático esteja de acordo com a necessidade do perfil da EJA, considerando que esses estudantes são alunos que ficaram algum tempo fora das salas de aulas e podem apresentar certo grau de dificuldade em relação aos conteúdos propostos pelo professor.

Em relação ao material didático apresentado pelos professores como ferramenta de auxílio da aprendizagem, percebeu-se que os professores utilizam metodologias tradicionais como livro, 40% disseram que os docentes utilizam apenas o livro didático; deste total 20% considera o livro com uma linguagem de fácil entendimento e 20% considera uma linguagem muito difícil de entendimento. Logo, 60% dos alunos consideram o material fácil de ser entendido, mas somente ele não é suficiente para aprendizagem dos estudantes.

Takeuchi (2005) afirma que os livros didáticos para o ensino de jovens de adultos, ainda hoje são uma redução do ensino regular. Não são pensados conteúdos e métodos diferenciados, próprios para atender a esse público. Isso nos mostra que muito mais que mudar nossas metodologias de ensino, é preciso também reformular nossos materiais didáticos, para que possamos de fato proporcionar uma aprendizagem diferenciada na vida dos educandos dessa modalidade de ensino.

Observou-se que o fato dos alunos terem ficado afastados da escola fez com que aumentasse a dificuldade de aprendizagem e somente a utilização de recursos tradicionais como quadro, giz, livros, não são suficientes. Em diálogo com os alunos, esses disseram que alguns professores trazem seus exercícios em xerox e passam outras atividades, não utilizam somente o livro didático devido a linguagem ser de difícil entendimento para alguns alunos.

Em virtude disso, 40% dos alunos afirmaram que o professor procura dar mais atenção aos alunos que tem maior dificuldade, 20% dos alunos consideram que o docente ensina do jeito dele e os alunos tem que adaptar, 20% preferiram não opinar e 20% disseram que o professor ensina os conteúdos de forma igual para todos os alunos, apesar de se tratar de alunos de séries diferentes em uma turma só.

Em conversa com os alunos, alguns afirmaram que não tem como ser igual, evidencia-se aqui a opinião de um aluno A: “não tem como ser igual, por que são muitas séries diferentes na mesma turma, e o professor não tem como dar a mesma matéria pra todos”.

A propósito, é importante que a escola tenha uma relação de diálogo com os alunos, com intuito de contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento da escola. Foi verificado em 80% dos alunos que a escola possibilita o diálogo de forma aberta com todos os membros da escola, sempre procura ouvir os alunos e compartilha os problemas e soluções em conjunto e 20% disseram que isso nunca acontece. Através deste diálogo com a escola, os alunos disseram que sempre podem expor os pontos de vistas a fim de contribuir para o desenvolvimento da escola.

Gráfico 2 - Diálogo com a Escola.



Fonte: Adaptado de Jael, R.R.P., et al., 2017.

A prática da escola retrata o pensamento de Vargas e Cardoso (2013) quando afirma que a educação deve ter suas bases fixadas na relação com os outros, por meio do diálogo, fazendo com que os sujeitos envolvidos no processo tenham autonomia para construir e refletir suas vivências construindo seu conhecimento.

Foi perguntado aos alunos se eles enfrentam alguma dificuldade para ir à escola regularmente, 60% disseram que não enfrentam dificuldade alguma, 20% deste total disseram que residem em áreas próximas da escola e 20% destes disseram que a dificuldade é só por causa de trabalhar o dia todo, o que causa muito cansaço e gera certo desânimo de ir à escola. 40% dos alunos não responderam a questão.

Constatou-se que a escola possibilita a interação com os alunos para buscar encontrar soluções em conjunto para os problemas. Singular dos alunos da EJA para estudar é a luta contra o cansaço diário, reflexo do fato de muitos dos estudantes trabalharem durante o dia e a noite irem para escola; diante disso, é fundamental o apoio e o incentivo da família para concluir seus estudos com êxito.

Observou-se ainda, que a alfabetização desses alunos não é feita de forma infantilizada, os alunos são tratados com respeito e autonomia, o que constitui um diálogo aberto com o professor e com a escola, possibilitando interação entre todos os membros da instituição.

Além disso, foi realizado um questionário com a professora responsável pela turma. De início, foram apontadas algumas dificuldades da professora no processo de alfabetização, sendo a primeira mencionada à evasão escolar e baixa frequência dos estudantes, como dificultador de seu trabalho.

Por conseguinte, perguntou-se a ela, como o processo de evasão dificultava o seu trabalho e se havia alguma estratégia para motivar os alunos a irem às aulas. Percebeu-se em relação à fala da professora, que a evasão e baixa frequência dificultavam a sequência do conteúdo. Segundo ela, era difícil avançar com o conteúdo.

Logo adiante, foi questionada se a metodologia de ensino utilizada em sala de aula buscava desenvolver a autonomia e a liberação dos alunos e sua resposta foi: "Não tenho uma metodologia específica nas aulas".

A falta de uma metodologia dificulta que o trabalho se concretize de fato, pois como afirma Gomes e Garcia (2014), a compreensão da realidade é a primeira de inúmeras ações que podemos realizar antes de sugerir mudanças, e é através de metodologias adequadas a esta realidade que serão possíveis as efetivas e urgentes mudanças nessa modalidade de ensino.

Para incluir metodologias diferenciadas no ensino, é preciso também que a escola ofereça recursos. Vale ressaltar a importância da estrutura física da escola, pois esta possibilita ou não a acessibilidade e o desenvolvimento de suas atividades, a comunidade escolar.

Nessa ótica, foi perguntado se ela encontrava alguma dificuldade na estrutura física que poderia de impedir o desenvolvimento de seu trabalho. Diante disso, a professora respondeu que a escola não tem uma boa estrutura física que poderia ser utilizada para acrescentar na aprendizagem dos alunos. E exemplificou: "dificuldades de agendar o laboratório de informática, para uso de filmes, e uso da biblioteca". Segundo a professora, estes fatores impedem-na de fazer aulas diferenciadas, tendo assim de contar apenas com o livro didático e as outras formas de aprendizagem tradicionais. Em relação ao livro didático, foi perguntado se este apresentava uma linguagem simples, e se ele era suficiente para aprendizagem dos alunos, a professora respondeu da seguinte forma: "o material é de fácil entendimento, mas somente ele não é suficiente para a minha aula", e completou dizendo: "uso o caderno, xerox e o livro. O livro traz uma mistura de todas as matérias, porém, ele não tem espaços

para os alunos responderem nele, eles tem que copiar as respostas no caderno e, as vezes, eles não conseguem identificar".

Observou-se que a professora procura trazer outras atividades, além das propostas no livro, para uma melhor compreensão dos conteúdos, a fim de alcançar resultados em termos de aprendizagem. Outro fator dificultador está relacionado às atividades extras, deixadas como dever de casa. Aliás, estas não podem ser acrescentadas, pois os alunos da EJA trabalham e não tem tempo para desenvolver atividades além das da sala de aula.

A professora relatou que "não é possível passar atividade para casa, por que eles não têm tempo de fazer, assim procuro desenvolver as atividades em sala de aula". Logo, a resposta da professora evidencia o pensamento de Gomes e Garcia (2014), os autores relatam que, em consequência do pouco tempo que esses alunos têm fora de sala de aula, o professor precisa ter consciência que ao desenvolver atividades, elas devem ser pensadas para a realização dentro da escola.

A formação profissional, o aprimoramento de novos métodos de ensino e capacitações é muito importante para melhorar o ensino-aprendizado dos alunos. Diante disso, perguntou-se a professora da classe se a mesma considerava importante a formação e se a escola proporcionava alguma capacitação docente. Em resposta, disse que sim, considera importante; no entanto, a escola não promove atividades de capacitação. Segundo a docente, os professores que tem interesse, fazem os cursos por conta própria.

A docente considera à formação específica e diferenciada essencial para atender melhor atender os alunos da EJA, para ela, isso poderia ser feito através de palestras e encontros, em que seria possível trocar experiências vividas no contexto escolar.

Dessa forma, é necessário que o professor busque sempre se qualificar, o aprendizado docente oferece novas formas de ensinar e aprender. A diversificação da metodologia e a didática facilita a aprendizagem do aluno, sendo assim, mais fácil atender a alunos de salas unificadas como a Educação de Jovens e Adultos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freire (2013) afirma que é necessária uma formação crítica aos professores, em que o professor possa desenvolver em seu aluno essa mesma criticidade ensinada na formação, pois a prática pedagógica sem rigorosidade não auxilia de nada na construção do conhecimento do educando.

Pôde-se perceber então, que diversos são os fatores que dificultam o processo de ensino-aprendizagem da EJA. Cabe assim, ao professor responsável pela turma a consciência de que é necessário ter uma formação específica e contínua; além disso, incluir metodologias diferenciadas de ensino, para atender a demanda educacional de jovens e adultos e alcançar bons resultados em aprendizagem.

Em relação às análises, com o objetivo de procurar compreender as principais dificuldades da alfabetização da EJA, conclui-se que a frequência é o fator que tem a maior interferência neste processo. A baixa frequência e a evasão contribuem para que o processo de alfabetizar não avance.

Percebeu-se que a ausência dos alunos é decorrida pelo cansaço diário de muitos destes trabalharem o dia todo; além disso, observou-se em alguns alunos uma desmotivação em relação às aulas, uma vez que a professora não possui uma metodologia diferenciada em sala de aula que envolva a realidade do aluno, logo eles não se sentem motivados em ir à escola.

Os métodos tradicionais e com pouca contextualização do cotidiano dos alunos, favorecem as dificuldades de aprendizagem destes, somente estes métodos não são suficientes para uma aprendizagem significativa. Em virtude da falta recursos e incentivo à formação docente, faz com que o professor trabalhe com esse método, considerando-o a forma mais correta de se trabalhar não abrindo possibilidades para inovar. Logo, essas dificuldades impossibilitam um avanço maior nesta modalidade de ensino.

REFERÊNCIAS

BINS, Katiuscha; GENRO, Lara. **Aspectos Psico-Sócio-Culturais Envolvidos na Alfabetização de Jovens e Adultos Deficientes Mentais.** 2007. 60 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Pucrs, Brasil., Porto Alegre, 2007. Cap. 6.

BRASIL. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em 29 março 2016.

FEITOSA, Sônia Couto Souza. **Método Paulo Freire**: A reinvenção de um Legado. Brasília: Liber Livro, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários para a prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GOMES, André Taschetto; GARCIA, Isabel Krey . **Perfil sócio-educacional de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA)**: um estudo de realidades e interesses acerca do conceito Energia. Departamento de Física, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2014.

LEAL, Maria Alejandra; FONSECA, Letícia. **Metodologia e prática de alfabetização e letramento**. Rio de Janeiro: Seses, 2015.

MACHADO, Maria Margarida. Formação de Professores para Eja: Uma perspectiva de mudança. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 161-174, jan./dez. 2008. Disponível em:<<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em 15 ago 2016.

TAKEUCHI, Márcia Regina. **Análise Material de Livros Didático para Educação de Jovens e Adultos**. 2005. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação: História, Política e Sociedade, Universidade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São **Paulo**, 2005. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/12/TDE-2005-03-02T07:45:01Z-260/Publico/dissertaeja.pdf>. Acesso em: 29 maio 2016.

VARGAS, Patrícia Guimarães; CARDOSO, Maria de Fátima. **Aprendizagem e desenvolvimento de Jovens e adultos: novas práticas sociais, novos sentidos**. *Educação Pesquisa*. São Paulo, v. 39, p.449-463, abr./jun. 2013.